



THE FORESTS DIALOGUE

Diálogo Florestal para a Mata Atlântica

Uma iniciativa regional do "The Forests Dialogue"

TFD STEERING COMMITTEE

Mubariq Ahmad
World Wildlife Fund
Indonesia

Steve Bass
Department for International
Development
United Kingdom

David Cassells
The World Bank
United States

James Griffiths
World Business Council for
Sustainable Development
Switzerland

Claes Hall
Aracruz Celulose
Brazil/Sweden

Sharon Haines
International Paper
United States

Matti Karjula
Stora Enso
Finland

Tage Klingberg
University of Gävle
Sweden

Thor Lobben
Norske Skog
Norway

Stewart Maginnis
World Conservation Union
(IUCN)
Switzerland

Cassie Phillips, TFD Co-Leader
Weyerhaeuser Company
United States

Per Rosenberg
Global Forest & Trade Network
(WWF)
Sweden

Stephan Schenker
Private Forest Owners Association
Austria

Robert Simpson
American Forest Foundation
United States

Nigel Sizer
The Nature Conservancy
Indonesia

Roberto Smeraldi
Friends of the Earth
Brazil

Mahoel Sobral
International Tropical Timber
Organization
Japan

William Street, Jr.
International Federation of
Building and Woodworkers
Switzerland

Gudmund Vollbrecht
IKEA
Switzerland

Scott Wallinger
MeadWestvaco Corporation
United States

Justin Ward, TFD Co-Leader
Conservation International
United States

Amelia Wright
Maryland Private Forest Owner
United States

Alexey Yaroshenko
Greenpeace
Russia

Gary Dunning
Executive Director
The Forests Dialogue

RELATÓRIO DO 2º ENCONTRO TRÊS BARRAS E CANOINHAS, SANTA CATARINA 17 A 19 DE MAIO DE 2006



SUMÁRIO EXECUTIVO

Em outubro de 2003, trinta representantes de organizações ambientalistas, da indústria de produtos florestais, proprietários de terras e academia encontraram-se em Santa Cruz de Cabralia, Bahia, Brasil, para discutir temas relacionados ao setor florestal e conservação da biodiversidade. Este encontro foi convocado pelo **THE FORESTS DIALOGUE**¹, um processo de diálogo com vários atores internacionais interessados em assuntos florestais.

O sucesso do Diálogo sobre Florestas e Biodiversidade em 2003 inspirou três organizações brasileiras e três empresas do setor florestal – Instituto BioAtlântica (IBio), The Nature Conservancy do Brasil (TNC), Conservação Internacional do Brasil (CI), Rigesa/MeadWestvaco, Suzano Papel e Celulose e Veracel Celulose – a proporem uma continuidade do Diálogo, envolvendo outros atores regionais e focando, especificamente, no desenvolvimento de uma visão comum entre o setor florestal e ambientalistas para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica. Esta proposta foi bem recebida pelo Comitê Gestor do TFD, que incluiu esta iniciativa na agenda do **THE FORESTS DIALOGUE** e a está apoiando.

A maioria das empresas florestais que operam na Mata Atlântica, especialmente aquelas do setor de papel e celulose, desenvolve projetos de recomposição florestal e de proteção e monitoramento da biodiversidade abrigada nos remanescentes de sua propriedade. Entretanto, nota-se que ainda há pouca cooperação entre as empresas e as organizações conservacionistas. Ambos os setores concordam que, para assegurar a sobrevivência da Mata Atlântica é necessário ampliar a escala dos esforços até então empreendidos, o que demanda a identificação de agendas comuns e o estabelecimento de parcerias para atingir a escala desejável.

Com o objetivo de desenvolver ações práticas e viáveis economicamente para a conservação da biodiversidade em áreas prioritárias e para o negócio das empresas, foi criado o **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, uma iniciativa que integra empresas de papel e celulose e organizações conservacionistas que possuem operações e atuação no bioma Mata Atlântica, considerado um dos mais importantes para a conservação da diversidade biológica do planeta.

O resultado do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, cuja primeira etapa está sendo desenvolvida no triênio 2005-2007, será a construção de uma visão comum, compartilhada entre as companhias florestais e as entidades ambientalistas, que leve a resultados concretos e conseqüente aumento da escala dos esforços para a conservação, gerando ao mesmo tempo benefícios tangíveis para a biodiversidade e para as empresas participantes.

A primeira etapa do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA** prevê a realização de quatro encontros, a serem realizados em diferentes locais da Mata Atlântica. O

¹ Para maiores informações sobre o TFD acesse <http://theforestdialogue.org>

primeiro encontro aconteceu em outubro de 2005, em Teresópolis-RJ, quando teve início o processo de discussão sobre as oportunidades, expectativas e possibilidades de ações compartilhadas entre os dois setores envolvidos. Neste primeiro encontro foram identificados dois temas centrais – fomento florestal e zoneamento econômico-ecológico – para os quais foram criados grupos coordenadores incumbidos de elaborar uma proposta de plano de trabalho. O relatório e as apresentações feitas durante o Primeiro Encontro podem ser lidas e copiadas no endereço <http://research.yale.edu/gisf/tfd/regionalfandb.html>

As atividades do Segundo Encontro foram divididas entre um hotel na cidade de Canoinhas e o Centro de Treinamento da Rigesa/MeadWestvaco, em Três Barras, ambas no estado de Santa Catarina, região sul do Brasil. Foram três dias bastante produtivos, com muita troca de experiências e informações e um eficiente trabalho de planejamento de ações futuras. O presente documento relata as discussões e resultados do Segundo Encontro.

SEGUNDO ENCONTRO

O segundo encontro do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA** contou com a presença de 35 participantes (metade deles presentes ao Primeiro Encontro), entre dirigentes e técnicos de 12 organizações ambientalistas e nove empresas do setor florestal atuante na Mata Atlântica. Em comparação com o Primeiro Encontro, mantivemos o mesmo número de organizações presentes (apenas uma das que participaram no primeiro encontro não pôde comparecer à este, tendo havido uma nova adesão) e contamos com quatro novas empresas, que se integraram ao Diálogo. Neste segundo encontro estiveram presentes representantes das seguintes instituições: Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí (Apremavi), Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), Aracruz Celulose S/A, Celulose Nipo Brasileira (Cenibra), Conservação Internacional do Brasil, Associação Flora Brasil, Floresta Viva, Fundação Biodiversitas, Fundação SOS Mata Atlântica, Instituto BioAtlântica, Instituto de Pesquisa da Mata Atlântica (Ipema), Masisa, Norske Skog Pisa, Rigesa, Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS), Stora Enso, Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S/A, The Nature Conservancy (TNC), Votorantin Celulose e Papel (VCP), Veracel Celulose S/A, WWF- Brasil, Yale School of Forestry & Environmental Studies.

Realizado no período de 17 a 19 de maio de 2006, o Segundo Encontro teve como principal objetivo revisar e consolidar os planos de trabalho e ação para os temas centrais definidos no Primeiro Encontro (Fomento Florestal e Zoneamento Econômico-ecológico), bem como gerar mais uma oportunidade para se desfrutar de diálogos integrais, seguros e respeitosos sobre estas questões.



Luciano Lisbão (Aracruz), Helena Maltez (WWF – Brasil), Marco Britto (Rigesa) e Cristina Moreno (Veracel Celulose).



Miguel Calmon (TNC Brasil), Oscar Artaza (Flora Brasil) e André Guimarães (IBio).

Nos diferentes momentos do encontro prevaleceu o foco em perspectivas de soluções e ações concretas, evitando desta forma aspirações de longo prazo, sugestões de ações que implicam na dependência do envolvimento de terceiros ou ainda, discussões tangenciais.

Logo no início do encontro, após as boas vindas aos participantes, foi feita uma apresentação dos mesmos, por meio de uma dinâmica de grupos onde cada um externava suas expectativas com relação ao evento, o que possibilitou identificar suas principais predisposições e expectativas. Aspectos importantes para o diálogo como escutar, ter disponibilidade para o trabalho cooperativo e para o aprendizado, para a co-criação de novos significados e de instrumentos concretos de ação, foram a tônica das manifestações.



Ludmila Pugliese (IBio), Cristina Moreno (Veracel Celulose) e Beto Mesquita (IBio)



Zeila Piotto (Veracel Celulose), Edilane Dick (Apremavi) e Kaisa Tarna (Stora Enso)

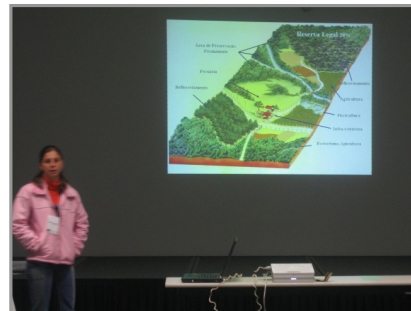
O primeiro dia foi destinado ainda ao repasse de informações pertinentes ao **THE FORESTS DIALOGUE** e sua iniciativa regional **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, sobretudo aos estreantes. Nesta oportunidade, alguns dos participantes teceram comentários, complementando o reconhecimento dos diferentes saberes dos atores presentes, ao mesmo tempo em que aqueciam o grupo para os temas a serem dialogados no encontro, tais como: a superação dos desafios iniciais para o

diálogo; a identificação dos ativos, dos problemas e dos potenciais dos dois segmentos (ambientalistas e setor florestal); a importância de incluir os impactos sócio-culturais que também necessitam serem preservados em sua diversidade; o desejo de ampliar a capilaridade do diálogo, estendendo-o a outros segmentos e realidades diferentes do fomento, entre outras.

Nesta mesma tarde, foram feitas também apresentações de algumas experiências de parcerias entre empresas e organizações ambientalistas relacionadas aos temas centrais do evento. Foram apresentadas as parcerias entre a SPVS e Masisa, Apremavi e Klabin e da Cenibra com universidade de Viçosa. Os esclarecimentos, comentários, sugestões e observações ao final de cada apresentação, reforçaram a necessidade de demonstração da viabilidade econômica dos projetos de sustentabilidade em relação às propriedades tradicionais, em conjunto com a educação ambiental direcionada para a função das Áreas de Preservação Permanente. Também foi destacada a importância da Certificação Florestal, como instrumento para agregar valor aos empreendimentos florestais, e os corredores ecológicos como reflexos das boas ações empresariais. Como preocupações a serem estudadas foram mencionadas a questão da abertura e manutenção de estradas e a tendência do Estado repassar para as empresas as questões sociais.



Mariana Schuchovski (Masisa) e Sandro Coneglian (SPVS), apresentando a estratégia da parceria entre as duas instituições.



Edilane Dick (APREMAVI) apresentando o programa Matas Legais, uma parceria da sua organização com a Klabin.

O segundo dia do encontro foi iniciado com sugestões de acordos de convivência que facilitam a construção de diálogos, baseados no método da Comunicação Ecológica e Abordagem Construcionista. Este dia foi dedicado à apresentação das propostas preliminares para os dois planos de trabalho (fomento florestal e zoneamento econômico-ecológico) e ao trabalho em grupo – foram formados dois grupos, um para cada tema – para a revisão e produção da versão final dos planos de trabalho.

No início da tarde do segundo dia, os participantes foram convidados para uma caminhada pela Trilha Interpretativa do Bugio, situada na Fazenda Duas Barras, em um remanescente de Floresta com Araucária (Floresta Ombrófila Mista, uma das fitofisionomias do bioma Mata Atlântica), atividade que serviu tanto para relaxar quanto para integrar ainda mais os grupos.

Resultado de uma parceria entre a Rigesa e a Universidade do Contestado (SC), esta trilha interpretativa, com extensão de 1.000 metros, faz parte do programa “A Natureza do Nosso Negócio”, o qual integra os projetos ambientais da Rigesa.



Representantes da Rigesa e da Universidade do Contestado apresentam aos participantes o histórico e as características da região e da Trilha do Bugio.



Participantes recebem informações do monitor no início da Trilha do Bugio.

No terceiro dia, os relatores dos grupos apresentaram para todos os participantes o plano de trabalho elaborado no dia anterior, aos quais foram feitas várias sugestões e recomendações, sendo as mesmas incorporadas no momento, nos casos consensuais. Em seguida, os participantes debateram sobre algumas questões operacionais decorrentes dos planos de trabalho aprovados – como a questão do financiamento das atividades previstas que demandam investimento de recursos – e definiram os próximos passos até o Terceiro Encontro, agendado para os dias 25, 26 e 27 de outubro de 2006, em Porto Seguro, no Extremo Sul da Bahia.

Logo no início do trabalho deste grupo, seus participantes decidiram pela renomeação do tema, de “zoneamento econômico-ecológico” para “ordenamento territorial”, uma vez que este segundo termo é mais adequado às questões tratadas no âmbito do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**.



Participantes do Grupo de Fomento Florestal:

Alexandre Prado; Beto Mesquita; Cristina Moreno; Deuseles Firme; Fernando Veiga; Helena Maltez; Heuzer Guimarães; Kaisa Tarna, Liana Amaral; Luciano Lisboa; Ludmila Pugliese; Mariana Schuchovski; Mário Mantovani; Rui Rocha.

Participantes do Grupo de Ordenamento Territorial:

Afonso Noronha; André Guimarães; Edilaine Dick; Elizete Siqueira; Jaime de Assis; João Carlos Augusti; Leandro Scoss; Luiz Paulo Pinto; Marco Brito; Maria José Zakia; Miguel Calmon; Oscar Artaza; Rosane Borges; Sandro Coneglian.



PLANOS DE TRABALHO

Durante o Primeiro Encontro do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, foram definidos os dois temas centrais para serem abordados pelo Diálogo nesta primeira fase (2005 – 2007) e nomeados os grupos coordenadores para cada um destes temas.

Estes coordenadores ficaram responsáveis por elaborar uma proposta de plano de trabalho, que foram encaminhadas a todos os participantes, para que pudessem analisá-las e preparar suas contribuições. O principal resultado do Segundo Encontro, além da consolidação do Diálogo e da ampliação do número de participantes, sobretudo no que se refere ao setor empresarial, foi a definição consensual dos planos de trabalho para **FOMENTO FLORESTAL** e para **ORDENAMENTO TERRITORIAL** (antes denominado “zoneamento econômico-ecológico”).

Como já mencionado anteriormente neste relatório, os planos de trabalho propostos pelos coordenadores foram apresentados e analisados detalhadamente em seu grupo específico, durante o Segundo Encontro. Após esta apreciação nos grupos, as propostas foram novamente apresentadas aos demais participantes, de modo a obter contribuições dos demais participantes do Diálogo que não participaram do grupo específico.

Na continuação, apresenta-se o resultado final deste esforço, ou seja, os planos de trabalho revisados e consensuados, com o qual todos os participantes do Diálogo se comprometeram.

FOMENTO FLORESTAL

Para o tema “fomento florestal”, os participantes do Diálogo indicaram as seguintes forças restritivas e impulsoras:

FORÇAS RESTRITIVAS	FORÇAS IMPULSORAS
Falta de interesse ou dificuldade de certificação para pequenas e médias empresas	Potencial para alavancar ações de conservação através dos fomentados
Custo da preservação para pequenos agricultores	Capilaridade das empresas junto aos fomentados
Poucas ações conservacionistas junto aos fomentados	Parcerias já estabelecidas com centenas de propriedades rurais, representando potencial de ganho na escala de ação
Dificuldade para o envolvimento da rede de fomentados	Poder de induzir comportamentos conservacionistas (como averbação de Reserva Legal e recuperação de APPs) entre os fomentados e fornecedores das empresas

Ainda durante as discussões realizadas no Primeiro Encontro, foram apresentadas as seguintes ações que devem ser desenhadas e implementadas pelas instituições e empresas participantes:

- Usar abordagem pró-ativa;
- Promover a capacitação para o planejamento da propriedade;
- Pensar em opções e ações conservacionistas via indução contratual, como, por exemplo, vincular a averbação da Reserva Legal em área equivalente à área de plantio para produção;
- Encaminhar pleitos, especialmente por políticas públicas, conjuntamente, como no caso do licenciamento em nível municipal para silvicultores independentes, e para pequenos e médios fomentados;
- Pensar em estratégias de capacitação dos órgãos licenciadores municipais;
- Incentivo e orientação para manejo da Reserva Legal;
- Geração de benefícios decorrentes da proteção da Reserva Legal;
- Incentivar o plantio de florestas mistas;
- Criação de Reservas Legais condominiais, nos casos onde os módulos mínimos não atenderem ao previsto na legislação;
- A Reserva Legal não deve ser “burocratizada”, ou seja, sua averbação deve ser resultado de um processo de planejamento que considere a formação de corredores e maciços com fragmentos vizinhos.

Analisando as forças e as propostas apresentadas, entendemos que os programas de fomento florestal das empresas de papel e celulose apresentam um grande potencial para servirem como veículos de indução e promoção de práticas sustentáveis nas propriedades rurais. Mas será preciso analisar as diferentes experiências que já tenham sido implantadas por empresas, formular diretrizes para o aperfeiçoamento e ampliação da escala de atuação das mesmas e implantar ações piloto, para que se possa formular uma melhor compreensão sobre as motivações, interesses e demandas dos proprietários fomentados.

Após as discussões e incorporação das contribuições dos participantes, o plano de trabalho para atuação do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica no tema Fomento Florestal ficou da seguinte forma:

LINHAS DE AÇÃO	ATIVIDADE	PRODUTOS	PRAZOS	RESPONSÁVEIS
Diagnóstico do estado da arte do fomento	Compilação de dados sobre os programas de fomento florestal na Mata Atlântica	Documento-diagnóstico, analítico.	Agosto	Deuseles; Beto; Heuzer; Ludmila; Liana
	Diagnóstico da percepção sócio-rural do fomento florestal (objetivos comuns, riscos, zonas de conflito)	Relatório analítico, elaborado pelo consultor e revisado pelos responsáveis pela atividade.	31 de Maio (termo de referência consultoria)	Helena; Rui; Cristina; Viviane; Kaisa
	Levantamento das iniciativas existentes de incentivos/fomento com viés de conservação/restauração de APP, RL e corredores ecológicos	Documento-compilação, que complementará o documento-diagnóstico da Atividade 1.1. Inclui relatório da oficina com operadores de projetos.	Agosto	Luciano; Mariana; Fernando; Alexandre; Edilaine;
Elaboração de matriz de fomento com melhores práticas ambientais e sócio-culturais	Consolidação dos resultados/relatórios produzidos na Linha de Ação 1	Documento-síntese dos diagnósticos, indicando diretrizes e premissas para elaboração da matriz de fomento com melhores práticas.	Primeira semana de setembro	Beto; Deuseles; Rui; Fernando
	Consolidação dos resultados/relatórios produzidos na Linha de Ação 1	Documento-síntese, para subsidiar decisões e compilação, que complementará o documento-diagnóstico da Atividade 1.1.	Agosto	Luciano; Mariana; APREMAVI
	Elaboração da matriz de fomento	Modelo-plataforma de fomento com melhores práticas ambientais e sócio-culturais	Terceiro Encontro do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica	Beto; Deuseles; Rui; Fernando (como organizadores da oficina)
Implantação de pilotos das melhores práticas (da teoria para a prática)	Identificação de áreas prioritárias para a implantação dos pilotos	Áreas prioritárias / oportunas para implantação dos pilotos	Terceiro Encontro do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica	Participantes do Terceiro Encontro

	Implantação dos pilotos	Pilotos implantados e sendo monitorados	Entre o Terceiro e o Quatro Encontros	Empresas e ONGs do Diálogo, de acordo com as oportunidades identificadas
--	-------------------------	---	---------------------------------------	--

ORDENAMENTO TERRITORIAL

Logo no início do trabalho deste grupo, seus participantes decidiram pela renomeação do tema, de “zoneamento econômico-ecológico” para “**ordenamento territorial**”, uma vez que este segundo termo é mais adequado às questões tratadas no âmbito do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**.

O zoneamento econômico-ecológico (ZEE) é uma ferramenta fundamental de adequação e incentivo de atividades econômicas frente aos recursos naturais disponíveis em uma escala regional. No planejamento de um ZEE devem ser considerados e otimizados os aspectos econômicos, sociais e ambientais, na busca da sustentabilidade dos recursos naturais frente às demandas econômicas e sociais.

Partindo da premissa que o desenvolvimento do ZEE é uma das atribuições do Estado, ou que este deva participar para a sua caracterização conceitual, entendemos, neste momento, que os participantes do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica – ambientalistas e empresas – devam caminhar para estabelecer “pactos para o uso e ocupação do solo”, consolidados em uma proposta voluntária de ordenamento territorial, enquanto a ferramenta do ZEE não estiver completamente disponibilizada nos estados objeto deste trabalho.

Foram considerados, inicialmente, para esta proposta, os seguintes estados: Rio Grande do Sul; Santa Catarina; Paraná; Minas Gerais; Espírito Santo; São Paulo; e Bahia.

No processo de discussão e definição das ações deste plano, foram considerados os resultados e recomendações do Primeiro Encontro, transcritos para este documento, como seguem:

FORÇAS RESTRITIVAS	FORÇAS PROPULSORAS
<u>Zoneamento</u> • Riscos de expansão desordenada; • Desrespeito às particularidades das zonas de amortecimento das unidades de conservação; • Não existe consenso quanto ao uso do solo; • Falta zoneamento ambiental na maioria das regiões; • Não há zoneamento econômico-ecológico; • Rápida expansão do setor florestal;	<u>Diálogo</u> • Processo de diálogo técnico é promissor, com potencial de troca de informação entre ambos os lados; • Espírito de diálogo é crescente, estando as partes mais dispostas ao diálogo aberto; • Predisposição e ação das empresas do setor florestal para engajar-se no Diálogo; • Disposição em estabelecer agenda sinérgica; • Reconhecimento de novos atores.

<u>Comunicação e informação</u> • Deficiência de comunicação com outros setores; • Canais de comunicação obstruídos; • Falta de transparência nas relações; • Pouca troca regular de informação; • Deficiência na qualidade da informação; • Pouco diálogo entre governo, ambientalistas e empresas; • Falta de conhecimento das operações, dificultando adoção de ações conjuntas; • Falta de conhecimento das ações e práticas em andamento; • Pouca divulgação de boas práticas de relacionamento entre o setor produtivo florestal e o setor conservacionista; • Não disponibilização das informações sobre conservação da biodiversidade; • Desinformação generalizada, gerando mitos.	<u>Parcerias</u> • Predisposição para trabalhos em parceria; • Complementaridade das ações dos dois setores; • Conhecimento dos ambientalistas aliado à capacidade de trabalho e recursos do setor florestal potencializam ações de conservação e restauração; • Ambos setores – ambiental e empresarial – têm interesse em trabalhar com as comunidades; • Chegou-se a um ponto de “não retorno” – não dá mais para não fazer nada; • Boa capacidade de interação entre ambientalistas, governos e comunidades; Setor florestal transfere tecnologia de ponta para pequenos produtores.
<u>Gestão pública</u> • Falta de conselhos locais de meio ambiente; • Nenhuma capacitação das secretarias municipais de Meio Ambiente; • Desaparelhamento dos órgãos do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA); • Fragilidade institucional; • Ausência de controle em vários programas governamentais de incentivo; • Baixa efetividade das políticas públicas ambientais; • Ausência de agenda ambiental positiva comum entre empresas e ambientalistas.	<u>Planejamento</u> • Capacidade de planejamento de longo prazo • ONGs e companhias têm agilidade e conhecimento para encontrar soluções para apresentar ao setor governamental

Como diretrizes para a proposta de ordenamento territorial, os participantes do Primeiro Encontro identificaram:

- O zoneamento ecológico-econômico (ZEE), como ferramenta de importância estratégica, deve ser apontado de forma irrestrita pelos setores representados neste Diálogo;
- Somar esforços para realizar e implantar os planos de manejo das unidades de conservação existentes nas áreas de influência das empresas;
- Investir na realização de pactos de uso e ocupação do solo quando o ZEE for inviável ou moroso;

Desta forma, após as discussões e incorporação das contribuições dos participantes, o plano de trabalho para atuação do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA** no tema **ORDENAMENTO TERRITORIAL** ficou da seguinte forma, sendo os nomes grifados os responsáveis por cada grupo:

Definição do grupo coordenador

Suzano (coordenador principal), Flora Brasil, APREMAVI, Biodiversitas, Cenibra e Veracel

Definição das regiões e grupos de coordenação

- Extremo sul da BA e norte do ES: *Aracruz (coordenador principal), Veracel, Suzano, Flora Brasil, Conservação Internacional e IPEMA*
- Bacia do Rio Doce: *Conservação Internacional (coordenador principal), Cenibra, Aracruz, Biodiversitas, Instituto BioAtlântica.*
- Vale do Paraíba e Alto do Tietê: *Votorantim Celulose e Papel (coordenador principal), Suzano, Conservação Internacional, SOS Mata Atlântica e Instituto BioAtlântica.*
- PR e SC: *The Nature Conservancy (coordenador principal), APRENAVI, SPVS, Masisa, Rígesa, Norske e Klabin.*

LINHAS DE AÇÃO	ATIVIDADE	PRODUTOS	PRAZOS	RESPONSÁVEIS
Definição das premissas para: diagnóstico; estratégia de participação dos atores locais/regionais; proposição de desenhos e instrumentos de ordenamento	Seleção e escolha das premissas	Premissas definidas	Julho	Grupo coordenador
Diagnóstico ambiental, socioeconômico, legislação e instrumentos disponíveis	Levantamento de informações	Diagnósticos realizados	Setembro	Grupos regionais
Estratégia/Participação dos atores locais/regionais	Identificação de atores potenciais	Atores identificados	Setembro	Grupos regionais
	Estratégias de compartilhamento e parceria para atuação	Estratégias elaboradas	Setembro	Grupos regionais
Proposição de desenhos e instrumentos de ordenamentos	Definição de acordos e compromissos para ações integradas do uso e ocupação do solo	Acordos e compromissos definidos	A partir de outubro	Grupos regionais
	Elaboração de metodologia para desenvolvimento e implementação do ordenamento territorial	Metodologias elaboradas	A partir de outubro	Grupos regionais
	Recomendações a serem validadas pelo TFD	Validação do TFD	A partir de outubro	Grupos regionais
Estratégia de plano de comunicação	Elaboração de documento sobre os propósitos e diretrizes do ordenamento territorial, ressaltando suas oportunidades	Documento elaborado	setembro	Grupo de Ordenamento Territorial
	Elaboração de programa de comunicação das etapas e resultados	Programa de comunicação elaborado	setembro	Grupo de Ordenamento Territorial

ENCAMINHAMENTOS E PRÓXIMOS PASSOS.

Ao final das atividades dos grupos de trabalho foram feitas algumas definições com relação aos próximos passos a serem executados até o próximo encontro do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**.

O primeiro ponto levantado foi a definição da data e local do próximo encontro. Foi sugerido como região para realização do próximo evento, o sul da Bahia. Sugestão prontamente aceita, ficou acordada então que o próximo encontro do diálogo florestal será realizado em Porto Seguro, Bahia, nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2006, mantendo um intervalo de seis meses entre cada encontro.

Entre as principais preocupações manifestadas pelo grupo destaca-se a necessidade de recursos financeiros para elaboração e execução dos planos de trabalho. Após alguns esclarecimentos houve um entendimento entre os participantes presentes na plenária que a realização dessas atividades deve ser viabilizada pelos próprios integrantes do Diálogo Florestal. Desta forma, ficou estabelecido que os orçamentos das atividades fossem feito por cada grupo de trabalho e enviado para todos os participantes do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, buscando alternativas viáveis para a realização das atividades propostas.

Por fim, foi levantada a importância dos processos de comunicação para disseminação tanto do Diálogo Florestal quanto das ações dos grupos de trabalho. Ficou estabelecida a formação de um comitê de comunicação responsável pela estratégia e veículos de divulgação, disseminação e comunicação do Diálogo Florestal. Foi ainda destacado que todas as informações sobre o **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, incluindo relatórios, apresentações e notícias dos encontros anteriores estão disponíveis no site <http://research.yale.edu/gisf/tfd/biodiversity.html>

PARTICIPANTES DO SEGUNDO ENCONTRO

Nome	Empresa_Instituição
Alexandre Prado	Conservação Internacional Brasil
André Guimarães	Instituto BioAtlântica
Beto Mesquita	Instituto BioAtlântica
Cristina Moreno	Veracel Celulose S/A
Deuseles João Firme	Celulose Nipo-Brasileira (Cenibra)
Edilaine Dick	Associação de Preservação da Mata Atlântica do Alto Vale do Itajaí (APREMAVI)
Elizete Siqueira	Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (IPEMA)
Fernando Veiga	The Nature Conservancy (TNC)
Helena Maria Maltez	WWF- Brasil
Jaime Soares de Assis	Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA)
João Carlos Augusti	Suzano Papel e Celulose

Afonso Kiehl Noronha	NorskeSkog
Kaisa Tarna	StoraEnso
Leandro Scoss	Fundação Biodiversitas
Liana Maria Martins Amaral	Bracelpa
Luciano Lisboa	Aracruz Celulose S/A
Ludmila Pugliese de Siqueira	Instituto BioAtlântica
Luiz Paulo Pinto	Conservação Internacional Brasil
Marco Antonio Britto	Rigesa MeadWestvaco
Maria José Brito Zakia	Votorantim Celulose e Papel (VCP)
Mariana Schuchovski	Masisa
Mario Mantovani	Fundação SOS Mata Atlântica
Marisa Camargo	Yale School of Forestry & Environmental Studies
Miguel Calmon	The Nature Conservancy (TNC)
Nelson Silveira	Espiral Desenvolvimento Humano
Oscar Artaza	Associação Flora Brasil
Rosane Monteiro Borges	Aracruz Celulose S/A
Rui Rocha	Instituto Floresta Viva
Sandro Coneglian	Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS)
Zeila Piotto	Veracel Celulose S/A
Heuzer Guimarães	Rigesa MeadWestvaco